

Filosofia na escola pública

Walter Omar Kohan

Bernardina Maria de Sousa Leal

Álvaro Sebastião Teixeira Ribeiro

Ana Míriam Wuensch

Lúcia Helena Cavasin Zabotto Pulino

Petrópolis: Vozes, 2000. 310 p.

“A quem será dedicado nosso livro?”, perguntou um dos professores. “Alguma sugestão?”, respondemos de forma interrogativa. “Sim, sim. Às crianças, às nossas crianças. Elas têm que aparecer. Elas me fizeram mudar minha própria prática, minha postura, minha forma de entender a filosofia, sei lá... Encontrem vocês as melhores palavras, mas as crianças têm de estar aí...”, argumentou o professor Wanderson e não precisou acrescentar uma só palavra ao que disse. Já havia nos convencido. O que ele sentia era compartilhado por nós e o brilho do seu rosto, admirado por todos.

A imagem fala por si mesma, se é que alguma vez alguma imagem seja capaz de falar qualquer coisa. Wanderson é um estudante de filosofia. Há um ano, quando resolveu participar do Projeto “Filosofia na Escola”, tinha suas dúvidas sobre a possibilidade de que crianças pudessem filosofar. Hoje as crianças o fizeram mudar sua postura. E não apenas com relação à capacidade delas de praticar filosofia. Este é um dado inquietante, mas talvez não seja o mais significativo. Interessante mesmo, é que as crianças tenham feito com que o Wanderson mudasse sua relação consigo mesmo, com sua prática, com sua postura como filósofo educador. As crianças não só fazem filosofia, elas nos permitem aprender sobre nós mesmos e nossa relação conosco e com os outros; elas nos permitem repensar e transformar aquilo que somos e pensamos.

Nesta imagem encerra-se um dos mistérios mais atraentes do ser humano: Como alguém chega a ser o que é? Por que somos aquilo que somos, como pessoas e como comunidade? Por que isto e não outra coisa? Existe esse tal “isto”? O que é ele? Como se constitui? De que forma podemos manter aberto aquilo que somos? Como transformá-lo? Como chegar a ser aquilo que queremos ser?

A filosofia é uma velha, velhíssima tentativa de pensar estas perguntas. Como toda velha, às vezes se cansa, expressa fadiga, precisa renovar seu ar. Outras vezes, também como todos os velhos, ela é destinada a um canto,

desatendida, esquecida, segregada. É que os velhos expressam com absoluta sinceridade aquilo que seremos. E muitas vezes não queremos assistir com os olhos o que vamos ser.

Talvez por isso incomode tanto a filosofia. Porque ela pergunta com a infinita paciência com que os velhos esperam a morte. Como se não lhes importasse morrer. Como se não tivessem medo da morte. Como se soubessem que ela faz parte deles. Talvez, porque não sabemos ser pacientes, porque nos importa terrivelmente a morte, porque a tememos e não a aceitamos como parte nossa. Rejeitamos a filosofia, pelo que ela nos indica sobre nós mesmos, pelo temor de que nos leve a reconhecer que somos aquilo que não queremos ser.

Assim, as perguntas da filosofia acabam por não ser bem-vindas. Porque acabam incomodando pela persistência, pela sinceridade, pelo compromisso, porque nos mostram o que não somos. Mostram que não podemos fugir de nossa própria morte. E como tememos morrer, tememos a filosofia. E ela não se importa, continua perguntando no seu canto, com a absoluta desfaçatez de quem não tem nada a perder, de quem não se incomoda em morrer, mesmo que tenha que morrer várias vezes, como brincava Sócrates com seus acusadores.

Até que chega uma criança e se aproxima da velha. Brinca com ela, a tira de sua cadeira, a faz pular, andar, rir... E a velha gosta, se dá bem com a criança, comemora o encontro, a constatação de que a vida é sempre um caminho aberto, não importa a distância em que nos espera a morte. Desse encontro, entre a filosofia e as crianças, trata este livro. Das transformações que todo encontro profundo traz ou, pelo menos, mostra como possíveis.

Nosso Encontro tem data e lugar. Aconteceu no Distrito Federal, entre 1998 e 1999. Como todo intenso encontro, nasceu de um desejo. Como todo desejo, carregava consigo uma pergunta. Como todo encontro intensamente desejado, perguntava-se sobre si mesmo e depois de realizado, não cabia mais em si. Precisava ser pronunciado, divulgado, compartilhado. É o que pretendemos fazer nas páginas que se seguem para que ele não fique apenas conosco, para que saia de nós, para que se remeta a outros. Que chegue a todos quantos se interessarem em recebê-lo.

Dividimos o texto que expressa este encontro na forma de livro em três partes. A primeira oferece uma perspectiva dos fundamentos do Projeto Filosofia na Escola. *Como, porque e para que* este projeto, são interrogações aqui discutidas e colocadas, todas elas, no plural. Os princípios norteadores da proposta de Filosofia com Crianças, sua história e seus métodos são, nestas páginas, expostos.

A segunda parte retrata o trabalho desenvolvido nas escolas integrantes do Projeto. A prática pedagógica escolar neste capítulo analisada esteve circunscrita pelas características institucionais que a envolvia (Universidade de Brasília - UnB / Fundação Educacional do Distrito Federal - FEDF), pelas séries escolares atendidas, pelos focos investigativos abordados e, enfim, pela relação intersubjetiva estabelecida entre alunos e professores. Este contexto especificador, contudo, não restringe as possibilidades interpretativas do texto.

A terceira e última parte deste livro, mas não da nossa proposta, apresenta algumas *projeções* alcançadas tanto no Ensino Médio, como na construção da interdisciplinaridade entre filosofia, pedagogia e psicologia. *Filosofia na Escola* é um projeto que visa explorar as possibilidades educacionais da filosofia com crianças e adolescentes e, neste sentido, não poderia ignorar um espaço já ocupado pela filosofia na escola de nível médio. Aqui também é discutida a possibilidade de elaboração de um projeto coletivo de construção do pensar que se articule de modo harmonioso com o desenvolvimento psíquico global da criança.

Ao longo deste livro retratamos nossos encontros. Encontramo-nos com a escola pública, com a comunidade acadêmica, com a psicologia, com a filosofia e a educação. Mas os encontros aqui revelados não cabem nos retratos por muito tempo. Movimentam-se muito. Não se permitem fixar em imagens. Renovam-se a cada instante. Como saber se continuarão iguais?

O novo sempre vem, pensamos. Por isto estamos atentos ao seu surgimento. A cada ano que nos for dado trabalhar com crianças e com a filosofia estaremos dispostos a renovar nossa maneira de fazê-lo. Manter nossa prática, sem impor-lhe a manutenção de uma forma. Continuar filosofando com as crianças sem oprimi-las ou oprimir-nos em formas discursivas. E, desprendidos do poder do discurso, ir e vir, guiados pelo desejo de estarmos juntos: nós, as crianças, a filosofia.

O livro acima resenhado é parte integrante do Projeto *Filosofia na Escola*, que, com seu caráter de extensão universitária, tem levado a filosofia às crianças e jovens da rede pública de ensino do Distrito Federal. Projeto piloto desenvolvido pela Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, ele reúne professores acadêmicos, jovens universitários, docentes das séries escolares iniciais e aproximadamente mil e quinhentas crianças de sete escolas.

Sem aplicar quaisquer métodos ou técnicas pré-concebidas, esse projeto procura problematizar a realidade escolar e social dos alunos e professores por meio de práticas pedagógico-filosóficas interdisciplinares. A identidade dos diferentes trabalhos realizados nas escolas se dá por meio de uma pauta geral

de trabalho: um texto compartilhado, problematizado e debatido, seja ele escrito filosófico consagrado, uma obra literária, um filme, uma música, ou qualquer outra forma textual. A diversidade dos trabalhos ocorre na medida em que o projeto procura ser sensível aos interesses, propostas e peculiaridades de cada escola. O sentido norteador deste trabalho é a exploração da dimensão filosófica das aprendizagens curriculares, incluindo-se a própria investigação dos métodos, textos e princípios da filosofia. Construir junto aos professores e alunos uma postura ativa frente à filosofia, própria de alguém que está compartilhando uma experiência desencadeadora de sentido e não apenas transmissora ou receptora de um saber, é o que busca este projeto.

Filosofia na Escola provoca o encontro entre a filosofia e as crianças no âmbito da escola pública. Sobre as chegadas realizáveis e realizadas, sobre as alterações previstas e imprevistas na rota delineada, pergunta-se constantemente o projeto. As perguntas continuam e o projeto também.